

CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANNIE FRANCE ALVES VELOSO

**“SEU CORPO NÃO TE DEFINE, VOCÊ É SEU PRÓPRIO LAR”: IMPLICAÇÕES
DO CONTEXTO SOCIAL NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE TRANS**

Juazeiro do Norte – CE

2018

ANNIE FRANCE ALVES VELOSO

**“SEU CORPO NÃO TE DEFINE, VOCÊ É SEU PRÓPRIO LAR”: IMPLICAÇÕES
DO CONTEXTO SOCIAL NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE TRANS**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel.

Orientador: Tiago Deividly Bento Serafim

Juazeiro do Norte – CE

2018

“SEU CORPO NÃO TE DEFINE, VOCÊ É SEU PRÓPRIO LAR”: IMPLICAÇÕES DO CONTEXTO SOCIAL NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE TRANS

Annie France Alves Veloso¹
Tiago Deividu Bento Serafim²

RESUMO

Estudar a identidade transgênero é adentrar na gênese da desconstrução das identidades, considerando que a metamorfose vivenciada pelo sujeito trans perpassa a pessoalidade, o íntimo e passa a ser questão também social, envolta de desafios, questionamentos e reconhecimento. O presente estudo aborda o diálogo entre as teorias de identidade de gênero e a teoria da identidade enquanto fenômeno social proposta por Antônio da Costa Ciampa tendo como objetivo principal, averiguar as implicações do contexto social e relações sociais na constituição da identidade de pessoas transgênero, percorrendo os conceitos de identidade e identidade de gênero, dando ênfase às especificidades da identidade transgênero e discorrendo acerca da teoria da identidade enquanto fenômeno social. Visto que as identidades transgêneras são constantemente estigmatizadas e marginalizadas no que diz respeito à cidadania plena, faz-se necessário compreender o processo de constituição de cada sujeito, a fim de dar subsídio a novas pesquisas, propondo uma visualização integral dos indivíduos trans. O estudo buscou apreender por meio de uma pesquisa de campo e a partir de uma perspectiva qualitativa, a vivência subjetiva de quatro homens trans entrevistados, as especificidades presentes no processo de transição e metamorfose de suas identidades, correlacionando estes relatos com as premissas propostas pelo sintagma identidade-metamorfose-emancipação buscando não somente a compreensão teórica deste processo como também oferecer espaço de fala para as experiências subjetivas dos entrevistados. Foi possível visualizar a partir do estudo que as metamorfoses vivenciadas pelos sujeitos trans são marcadas pelas rupturas com os padrões de gênero e envolvidas em uma série de desafios pessoais e sociais, principalmente relacionadas ao autoconhecimento e autoafirmação da identidade considerada como certa, pelas relações familiares e pela falta de referências e informações acerca deste processo identitário, porém a continuidade nessa busca proporciona aos sujeitos a possibilidade de ser quem se é.

Palavras-chave: Identidade. Transgênero. Social. Metamorfose.

ABSTRACT

Studying transgender identity is get in to the genesis of the deconstruction of identities, considering that the metamorphosis experienced by the trans subject pass through the personal perspective, the intimate becomes a social issue, surrounded by challenges, questioning and recognition. The present study addresses the dialogue between gender identity theories and the theory of identity as a social phenomenon proposed by Antônio da Costa Ciampa having as main objective check the implications of the social context and social relations in the constitution of the identity of transgender people, going through the concepts of gender identity and identity, giving emphasis to the specificities of transgender identity and discussing the theory of identity as a social phenomenon. Since transgender identities are constantly stigmatized and marginalized as regards full citizenship, it is necessary to understand the process of constitution of each subject, in order to give subsidy to new research, proposing an integral visualization of trans individuals. The study sought to apprehend, through one field research and from a qualitative perspective, the subjective experience of four men interviewed trans, the specificities present in the transition process and metamorphosis of their identities, correlating these reports with the premises proposed by the syntagma identity-metamorphosis-emancipation seeking not only the theoretical understanding of this process as also to offer the speaking space for the subjective experiences of the interviewees. It was possible to visualize from the study that the metamorphoses experienced by the trans subjects are marked by the ruptures with the gender patterns and involved in a series of personal and social challenges, mainly related to the self-knowledge and self-affirmation of

¹ Discente do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. Email: allpns74@gmail.com.

² Docente do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. Email: tiagodeividu@leaosampaio.edu.br

the identity considered as certain, by the familiar and by the lack of references and information about this identity process, but the continuity in this search gives the subjects the possibility of being who they are.

Keywords: Identity. Transgender. Social. Metamorphosis.

INTRODUÇÃO

A compreensão de si mesmo é muitas vezes caracterizada como a identidade do indivíduo. Aquilo que é apresentado socialmente, que representa os gostos, modos de comportamento, relações sociais entre outras características compõem um conjunto de designações da constituição identitária.

A identidade é como uma constante metamorfose. Modifica-se a cada nova relação com outros indivíduos ou com o contexto histórico e social onde se está inserido, apresentando um sujeito-personagem de sua própria história de vida, visto que cada nova vivência e experiência é um novo capítulo dessa trajetória. Foi dessa forma que Ciampa (2003) compreendeu o processo identitário do sujeito, que passou a ser discutido em virtude de um novo pressuposto ontológico de indivíduo como devir, rompendo com a idéia de rigidez da personalidade.

Sendo as relações sociais base para a constituição da identidade, temos agora o peso das atribuições e papéis instituídos socialmente. Pode-se considerar aqui que a partir da inserção do indivíduo em um seio social, sua produção identitária será baseada no que é ou não é socialmente compreendido como aceitável. Visto isso, infere-se que a participação do outro é inevitável nesta contínua constituição, lembrando que ao nascer, aplica-se sobre aquele novo ser humano uma série de expectativas que se espera que sejam plenamente realizadas, desde a escolha de um nome até os menores detalhes no enxoval, tudo cuidadosamente selecionado e baseado em uma norma padrão de permissividade que convêm ao bebê dependendo principalmente do seu sexo biológico, como discorre Miskolci (2002).

Essa idéia de identidade, pautada na sociedade contemporânea, contempla uma cultura heteronormativa e sexista, ferramenta de exclusão social e marginalização dos considerados como “desviantes”. As identidades de gênero são formas de reconhecimento e categorias do processo de construção identitária, contemplando os aspectos de papéis sociais e desenvolvimento de comportamentos sociais. A identidade transgênero, compreendida como destoante da norma social, compreende os sujeitos que se reconhecem com características e papéis diferentes daqueles que lhes foi imposto culturalmente, ou seja, ao fugir da dualidade sexo-

gênero, esses sujeitos identificam-se com o gênero determinado para o sexo oposto (WAIMER, 2015).

Averiguar as implicações do contexto social na constituição da identidade transgênero apresenta-se como principal objetivo deste estudo, haja vista que se pretende alcançar este objetivo conceituando o termo identidade em uma perspectiva social e a identidade de gênero; apresentar a identidade transgênero e suas especificidades; analisar, na fala dos entrevistados neste estudo, as experiências subjetivas enquanto pessoas trans e a relação com o contexto social.

Analisar este processo de constituição desta identidade, levando em consideração as relações e aspectos sociais, se caracteriza como a principal motivação desta pesquisa, considerando a relevância de se compreender estes sujeitos cotidianamente marginalizados e estigmatizados e, conseqüentemente, afastados de direitos básicos como saúde, convívio familiar ou trabalho, por exemplo. Faz-se necessário dar continuidade no que tange à investigação do processo de (re) constituição da identidade, ofertando aos indivíduos um espaço de fala para que, através de seus relatos, se possa traçar novas perspectivas de estudo do tema, bem como aprofundar a discussão acadêmica, especialmente no âmbito da psicologia, onde a clareza de questões relacionadas à constituição destes sujeitos sirva de subsídio para promover um acolhimento mais abrangente.

“QUEM SOU EU?”: A IDENTIDADE COMO FENÔMENO SOCIAL

A compreensão do processo identitário do sujeito é tema bastante discutido dentro das ciências humanas. A partir de um pequeno resgate histórico, é possível perceber que o conceito de identidade esteve entrelaçado com as mais diversas perspectivas, desde a concepção naturalista, como algo inato ao ser humano, até a concepção maturacionista, envolvendo o desenvolvimento da identidade às fases vivenciadas pelo organismo humano, perpassando a ideia de “conceito de si”, autoimagem ou ainda auto representação. O precursor dos estudos identitários enquanto fenômeno social e relacional foi Willian James, que começa a criticar os modelos existentes e abranger na compreensão desta terminologia identitária os contextos sociais e o modo como cada sujeito vivencia estes contextos (JACQUES, 2012). Perpassando ainda a fala da mesma autora, é possível pensar e compreender o processo identitário como uma soma de todos os aspectos anteriormente citados, visto que em cada um há uma vivência subjetiva que resulta

em uma nova personificação da identidade, mais tarde compreendida como identidade psicossocial.

Antônio da Costa Ciampa é um psicólogo social que se destaca como um dos principais pesquisadores da identidade (MIRANDA, 2014). Ele discorre acerca da terminologia identitária como uma condição mutável, resultante das relações sociais e interpessoais os quais sujeita-se o indivíduo, rompendo com as idéias naturalistas e maturacionistas. A partir destes estudos, é possível visualizar a interferência das relações na resposta de uma grande questão humana: “quem sou eu?” passando a refletir diante de situações como comportamento, escolhas, personalidades, afetividade, entre outros aspectos presentes no desenvolvimento de cada indivíduo (CIAMPA, 1987).

Considerando as relações como premissas fundamentais das identidades, temos aqui sujeitos grupais e individuais simultaneamente, fruto da interação com outros e consigo mesmo em determinado contexto histórico. Nesta mesma complexidade do ciclo de interações, identificamos no aspecto grupal, nos papéis sociais, a forma de expressão dos personagens que dão significado e corpo aos projetos do individual (CIAMPA, 1987). Transpassado na cultura e na sociedade, o sujeito internaliza as normas sociais como parte da produção de sua identidade social. Segundo Habermas (1983) essas internalizações passam a ser reconhecidas como uma auto-identificação, ou seja, formas de se identificar em determinado grupo onde se está inserido, gerando assim uma mesmice na identidade.

Esta mesmice é o que gera a rotulação dos indivíduos, que passam agora a constituir sua existência baseado em ideais convencionais, renunciando a apresentação de quaisquer formas distintas do que é socialmente aceito, ficando presos a uma mesma representação, como afirma Almeida (2005 apud MIRANDA, 2014), concordado em Habermas (1983).

Identidade e emancipação

O congelamento da identidade faz com que os ideais de autonomia fujam à realidade do autor da identidade e passe a ser apenas a representação, ou seja, o personagem que socialmente não é subjugado, ainda que essa estagnação tenha origens pessoais, comodismo ou por pressões exteriores, o sujeito passa a visualizar e aceitar a hegemonia daquela aceitabilidade, negando a condição da identidade como metamorfose e como possibilidade de emancipação (CIAMPA, 1987), ou seja,

como mecanismo de transformação não só de si, mas também da sua realidade. Temos, portanto, a emancipação como evento almejado como pressuposto ético da existência.

Podemos compreender esta emancipação, segundo Almeida (2005 apud MIRANDA, 2014) como uma mudança provida de energia para inovação, construção de sentidos para existir, superação de constructos pessoais ou sociais que possam de alguma forma impedir que os sujeitos possam se desenvolver ou criar condições de inferiorização ou marginalização deste.

A partir do exposto, é possível visualizar a relevância de compreender as condições que mantêm o sujeito cristalizado, rompendo com o ciclo de metamorfoses da própria constituição identitária; bem como as condições de seu oposto, em indivíduos que planejam a emancipação e buscam cotidianamente se re-representar mediante o contexto histórico e cultural onde estão inseridos, auto afirmando a metamorfose do processo identitário.

IDENTIDADE DE GÊNERO COMO CATEGORIA DA CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA

O termo gênero e suas especificações

A palavra gênero surge concomitantemente ao início da fase conhecida como segunda onda dos Movimentos Feministas, que têm o ano de 1968 como referência da insatisfação coletiva e da ascensão de protestos que visavam combater as ideologias patriarcais e sistemas regressistas que até então vigoravam e estorvavam as mulheres de serem vistas na qualidade de sujeito da sociedade, consistindo na distorção desta ótica um dos principais objetivos do movimento feminista desta época (LOURO, 1997).

A palavra gênero passou a ser utilizada pelas feministas como referência a organização social das relações entre os sexos. Alcança a categorização quando há a designação do masculino e do feminino, no entanto, se opõe a esta quando, sabe-se, uma terceira categoria se ausenta, o sexo neutro ou indefinido (SCOTT, 1995).

O conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2010, p.16)

Mesmo que as normas culturais permaneçam inseridas em diversos contextos sociais, hoje é possível observar uma multiplicidade na forma de compreender, viver e dar sentido às diferentes formas em que o gênero se apresenta (LOURO, 2008).

Para compreender melhor as formas de diferenciação das identidades de gênero, foram adotados os termos cisgênero e transgênero, termos essenciais para a construção desta pesquisa. Chama-se cisgênero, o sujeito que se identifica com os papéis sociais atribuídos a si, desde seu nascimento, baseado nas normas culturais e na consonância com o seu sexo biológico. Enquanto isso, compreende-se como transgênero, o oposto do anterior, visto que a pessoa trans vive o gênero como discordante de seu sexo biológico, esquivando-se da norma padrão de sexo-gênero, identificando-se com as características do sexo oposto ao seu (JESUS, 2012).

A norma padrão da dualidade sexo-gênero produziu na sociedade uma distinção e separação de papéis sociais enraizados nessa dualidade, essa forma de constituição torna-se uma fonte de exclusão e marginalização do público que se distingue desta norma.

A identidade transgênero

Os sujeitos denominados transgêneros, ou apenas sujeitos trans, são indivíduos que se reconhecem no gênero contrário ao disposto para o seu sexo de nascimento de acordo com o que é posto social e culturalmente, ou seja, “desviam” da norma. Esse desvio gera uma massiva estigmatização da população trans devido à crença de que esta condição é anormal, baseado no fato de que o “natural” é o que se julga como comportamentos adequados a este ou aquele gênero que foi determinado ao nascer e ao desempenhar determinados papéis sociais, como afirma Jesus (2012).

Durante os primeiros estudos acerca da construção dessa percepção de identidade datados desde, aproximadamente, o século XIX, a modificação corporal cogitava-se como única opção para se amenizar os impactos da desarmonia apresentada pelos indivíduos trans. A partir da evolução da ciência psiquiátrica e das tentativas de se compreender o chamado “fenômeno transexual” este mesmo ganhou relevância como uma forma de “adoecimento” sendo incluído nas categorias de definição como Disforia de Gênero no ano de 1977, como afirma Almeida (2011). Ainda segundo a mesma autora, a partir dos anos 1980 a transexualidade foi apropriada pelas áreas médicas, mais especificamente pela psiquiatria, e incluída no

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) em sua terceira versão como uma categoria de adoecimento psíquico identificado como Transtorno de Identidade de Gênero; mais tarde em 1994 na quarta versão do Manual, o termo “transexualismo” foi substituído, porém continua pautado como um tipo de enfermidade.

As especificidades da identidade trans estão exatamente na quebra destes padrões ou ainda na falta de uma explicação científica que satisfaça a origem desta forma de reconhecimento. A vivência de sujeitos trans é o principal embasamento para a construção de estudos e pesquisas, corroborando com temas como identidade, subjetividade, sexualidade e gênero.

Segundo Bento (2008, p. 22),

(...) os olhares acostumados ao mundo dividido em vagina-mulheres-feminino e pênis-homens-masculino ficam confusos, perdem-se diante de corpos que cruzam os limites do masculino/feminino e ousam reivindicar uma identidade de gênero em oposição àquela informada pela genitália e ao fazê-lo podem ser capturadas pelas normas de gênero diante da medicalização e da patologização da experiência. Na condição de "doente", o centro acolhe com prazer os habitantes da margem para melhor excluí-los. Este centro construirá explicações aceitas como oficiais. A simplicidade binária (vagina-mulher-feminino versus pênis-homem-masculino) que se supunha organizar e distribuir corpos na estrutura social, perde-se, confunde-se. E, finalmente, chega-se à conclusão que ser homem e/ou mulher não é tão simples

Na vitamina da fala de Bento e Pelúcio (2012) é possível aferir a existência de pelo menos 100 organizações pelo mundo mobilizadas em prol da despatologização da identidade trans, cuja pauta gira em torno de cinco pontos específicos:

1) retirada do Transtorno de Identidade de Gênero (TIG) do DSM-V e do CID- 11; 2) retirada da menção de sexo dos documentos oficiais; 3) abolição dos tratamentos de normalização binária para pessoas intersexo; 4) livre acesso aos tratamentos hormonais e às cirurgias (sem a tutela psiquiátrica); e 5) luta contra a transfobia, propiciando a educação e a inserção social e laboral das pessoas transexuais (p. 537).

Portanto, discutir a constituição desta identidade enquanto fruto das relações sociais do indivíduo consigo e com o meio, envolvendo o ciclo de metamorfoses e representações do sujeito enquanto transgênero faz-se relevante no que tange a compreensão deste como uma totalidade.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa empírica, de natureza qualitativa, haja vista que Marconi e Lacatos (2011) descrevem esse tipo de investigação como uma forma de análise e interpretação dos dados rigorosa, buscando apreender a realidade e comportamento dos envolvidos, detalhando de forma minuciosa, atitudes e costumes, por exemplo. Sobre a abordagem exploratória utilizada nesta mesma pesquisa, estes a descrevem como uma observação e aproximação do objeto de estudo, explicitando conteúdos que auxiliem na ampliação da forma de visão do pesquisador. Nessa perspectiva de proximidade e apreensão do objeto de estudo, escolheu-se estas metodologias.

Participantes da pesquisa

A pesquisa contou com uma população de quatro homens trans, com idade mínima de 18 anos e máxima de 21 anos. Todos residentes da região do Cariri, especificamente da cidade de Crato e Juazeiro do Norte, Ceará.

As entrevistas aconteceram no campus Crajubar da UNILEÃO, localizado na cidade de Juazeiro do Norte-CE, sendo os horários previamente combinados com cada um dos participantes.

Procedimento de coleta de dados

A amostra se deu através de um questionário online divulgado nas redes sociais, visando o levantamento de pessoas que se auto identificassem enquanto transgênero. A análise dos dados desse questionário foi baseada nos seguintes critérios: idade igual ou maior de 18 anos, disponibilidade de participação na entrevista e residência na região do Cariri cearense, especificamente nas cidades de Crato, Juazeiro e Barbalha.

Após o procedimento de seleção da população por meio do questionário online, utilizou-se como método de coleta de dados, uma entrevista semiestruturada que pode ser descrita como uma conversação entre pesquisador e pesquisado, com a finalidade de obter dados fidedignos para o estudo, de acordo com Gil (2009), cujas perguntas norteadoras foram: o nome do participante e a representatividade deste; como se deu o processo de autorreconhecimento enquanto pessoa trans; quais os principais grupos sociais (amigos, família, escola) que estiveram presentes durante o processo de transição; quais foram os principais desafios nesse processo e a

discussão sobre os aspectos considerados mais importantes no processo de transição identitária.

Procedimento de análise de dados

Para a análise dos dados utilizou-se da análise do conteúdo, proposta por Bardin (2011), que a caracteriza como um conjunto de procedimentos sistemáticos com o objetivo de descrever as informações, inferir indicadores e identificar as possíveis condições para que a pesquisa aconteça, baseando este processo em três principais fases que o autor classifica em pré análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Foi dividida a análise em tópicos que determinados a partir da repetição e semelhança nos discursos, correlacionando com teóricos que abordavam questões como gênero, identidade, relações sociais e grupos sociais.

Considerações éticas

O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO, sob o CAAE número 02357418.1.0000.5048

No local da entrevista, os participantes foram encaminhados para uma sala onde receberam, no primeiro momento, as instruções sobre o procedimento e logo após, a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a assinatura do Termo Pós Esclarecido.

Os entrevistados, ao apresentar sua história de vida, poderiam ser dispostos a alguns riscos como desconforto emocional, no que diz respeito a resgatar informações íntimas e subjetivas compostas na constituição de sua identidade enquanto transgênero, constrangimento ou desistência de participar da pesquisa. Em caso de aparecimento de algum risco citado, seria oferecido ao entrevistado a possibilidade de desistir em qualquer momento da entrevista e/ou suporte psicológico através do encaminhamento ao Serviço de Psicologia Aplicada - SPA da UNILEÃO.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram entrevistados 04 (quatro) homens trans, com idade entre 18 e 21 anos. Ao se referir aos entrevistados serão usadas siglas indicando a fala de cada um, sendo eles M.C, A.S, K.N e J.P.

Em um panorama geral do que foi descrito na entrevista, houve evidência em temas relacionados a forma como se apresentam socialmente, incluindo aparência, nome social, desafios do processo de transição, a falta de informação sobre as pessoas trans que acometem as demais pessoas, conseqüentemente familiares e amigos e por fim a importância da referência entre as pessoas transgêneros; a essas questões que envolvem a identidade do sujeito e suas relações externas, chamaremos de identidade social.

Transição: “talvez eu não seja o que as pessoas acham que eu seja”³

Durante a entrevista, todos os participantes descreveram seu processo de transição. De acordo com Jesus (2012), a transição se refere ao período pelo qual a pessoa trans inicia a busca pelos resultados corporais e sociais idealizados baseando-se no gênero que se dá o seu reconhecimento.

A transição entre o gênero socialmente instituído e o gênero com o qual se identificam é marcado por pontos fortes e comuns entre ambos, como o momento de diálogo com os familiares, a escolha do nome social, a busca pelas mudanças corporais, sejam elas físicas ou mudanças no estilo de roupa, cabelo e outros aspectos visualmente observáveis. Porém, faz-se importante frisar que a experiência subjetiva, as emoções e sentimentos modificam-se entre os entrevistados, visto que cada um se constituiu de forma diferente, incluindo os aspectos internos e externos, como as relações sociais e laços afetivos, intrinsecamente ligados aos processos de autorreconhecimento.

Na metamorfose vivenciada pelos sujeitos trans, é possível visualizar a questão do nome como um dispositivo de desafios e burocracias. A identidade atrelada ao nome que se dá a criança, muitas vezes antes mesmo do parto, cria uma série de idealizações por parte da família, retornando ao binarismo de gênero/sexo biológico que no momento em que se dá o reconhecimento enquanto desviante dessa norma, os sujeitos encaram um processo de reconstrução e porque não reapropriação de um novo nome, o nome que verdadeiramente o represente.

O processo de apresentação social de todos os entrevistados se iniciou com a escolha do nome social, ora por afinidade com a escolha, por homenagem aos pais e por se autorreconhecer naquela nomenclatura

³ Fala de M.C sobre o ponto chave de sua transição.

(...) o nome que eu me dei seria M., M.C, e ele tem uma certa relação com meu nome mesmo, meu nome de nascimento, ao mesmo tempo tem aquela coisa de, ah é um nome neutro e também me remete ao nome de um personagem do jogo life strange, que assim, tem uma certa conexão emocional pra mim, embora ele seja um menino, ainda continua o M. sendo neutro, então... (M.C)

Meu nome é A., primeiro porque é unissex e segundo porque é da princesa lá (risos) ai eu acho bonitinho. O significado pra mim é porque desde que eu jogava, com uns 10, 11 anos, eu usava A., pra todos os meus amigos do jogo era A., ai pra mim, lá dentro, sempre foi A., sabe? (A.S)

K veio da minha mãe e meu pai, era meu nome se, é, tivesse certinho lá no início, mas enfim, aí seria esse que eles iriam dar e N foi o que eu acabei me identificando com o tempo, aí achei a junção legal e mantive. (...) eu queria sentir que meus pais estavam perto, sabe? (K.N)

J foi um nome que eu sempre achei bonito (...) eu buscava utilizar esse nome em algumas coisas e aí eu idealizava que ia ser o nome de um dos meus filhos, então eu tinha essa ideia e aí quando eu descobri minha identidade, tipo, foi, eu poderia usar, esse nome que eu sempre achei massa, que eu sempre quis que tivesse presente na minha vida, ele tava mais do que eu poderia imaginar. (J.P)

A representatividade do nome social vai além de simbolizar o sujeito em um aspecto cultural, de relação social. Dialogando com a teoria da identidade de Ciampa (1987) é possível observar dentro das histórias relatadas, o aparecimento de um novo personagem, antes confundido com a constituição normativa e social estabelecida de acordo com os padrões de gênero, e agora partindo do pressuposto de uma nova performance do mesmo sujeito: a metamorfose da identidade, pode-se compreender ainda mais isso ao perceber que “os sujeitos sempre que convocados para fazerem suas apresentações perante outros assumem uma forma pressuposta e performativa de personagens em busca de algum tipo de interação” (LIMA, 2014, p. 19). O nome passa a refletir então aspectos da identidade do sujeito, visto que é atribuído aos diversos papéis desempenhados em sua vida ou ainda torna o sujeito único e dotado de características correlacionadas a esta mesma nomenclatura, possibilitando não somente a metamorfose da identidade objetiva, mas a anamorfose da personificação do sujeito.

Outro momento relevante nos relatos perpassa pelo diálogo significativo com a família e os principais impactos e desafios desse momento. Pode-se analisar essa vertente partindo do pressuposto cultural que estrutura a sociedade. As construções de corpos-identidades referenciados no sexo biológico deram raízes a uma sociedade sexista e heteronormativa, separando os indivíduos em categorias, descritas por Miskolci (2005) como “corpos que importam” para aqueles que não

destoam do padrão estabelecido, enquanto os “corpos que escapam” como o próprio termo sugere, resistem à constante manipulação do estigma e da marginalização consequente destas marcas. Esse afastamento social involuntário pode ser visualizado quando o entrevistado J.P aborda o tema “(...) *eu tinha medo, eu não sabia como eles iam reagir, porque eu tenho uma relação muito boa com a minha família e ai se eu chegasse e eles não aceitassem, pra mim seria muito difícil*”. É perceptível que a inversão dos papéis de gênero promova determinada ruptura no processo de socialização dos sujeitos entrevistados, ora pelo receio do próprio sujeito, ora pelas normas culturais, anteriormente descritas, nas quais os familiares e mesmo os entrevistados estão inseridos.

Uma observação feita foi a respeito da abertura da família em relação a sexualidade dos entrevistados e a resistência a identidade de gênero,

(...) questão de sexualidade, eu já falei abertamente, só que eu falei e foi exatamente a forma como eles reagiram a isso que me fez pensar que era melhor deixar isso pra mim, porque eles não foram assim, contra, reclamar e tal, brigar, mas eles ignoraram e eu sei que se eu me abrisse com eles, a reação seria desestimular isso, ah é só uma fase então não vamos mais deixar comprar as roupas que você quer e nem cortar o cabelo, nem nada (M.C)

(...) minha mãe quando eu contei pra ela que gostava de meninas, no primeiro dia foi bom, ela falou “não, mas tu pensou que eu ia parar de te amar por causa disso?” ela foi super gente boa, mas no outro dia foi horrível (...) eu contei quando tinha 11, 12 anos, mas pra eles era fase. Pra meu pai não fui eu que contei (...) quando eu fui conversar com ele no sábado, ele já tava sabendo desde quarta (...) eu perguntei por uma coisa que ele não gostava de comer, ele falou que não gostava de melancia, aí eu disse, pois é, é isso (risos) eu não gosto também [referindo-se a orientação sexual] (A.S)

(...) foi um pouco demorado pra minha mãe, ela sempre dizia “ah, beleza que você gosta de meninas, que você goste de ser mais masculino e tal, mas não queira virar homem não”, aí toda vez que ela falava isso era um soco, né? Porque eu sou um homem (K.N).

Segundo Miskolci (2006), a adequação e normalização dos corpos tem se mantido há cerca de dois séculos como mecanismos de controle corporal, causando consequências subjetivas, haja vista que os processos de subjetividade são intrinsecamente ligados a materialidade do corpo, ou seja a constituição do corpo e da subjetividade são indissociáveis. A partir do exposto, é possível visualizar que a naturalização dessas formas cristalizadas de corpos e identidades gera no núcleo familiar a estranheza e o bloqueio no momento em que se coloca em questão a

constituição dos sujeitos enquanto corpos-metamorfose e, conseqüentemente, refletem na subjetividade dos sujeitos trans.

Considerando as conseqüências subjetivas, os posicionamentos dos entrevistados variaram entre expressões de emoções diversas, indo do medo e ansiedade até a própria resistência. Uma fala obteve maior evidência nesse aspecto,

(...) acho que nesse tempo todo, que aconteceu tudo, eu acho que o que eu tive que fazer foi aceitar a infelicidade, porque a felicidade não é questão de ser, é questão de estar e eu tive que aprender que eu nunca ia ser feliz de verdade e que a maioria dos dias eu to triste por conta dessa situação e mesmo que eu faça qualquer tratamento hormonal, dentro de mim vai sempre existir como eu nasci, o que meus pais querem, eu fazendo tudo isso ou não, gastando o dinheiro que for, pode até ser que diminua, pra andar na rua, pra usar o banheiro, mas a noite quando eu tiver sozinho no meu quarto, eu tenho que aceitar a infelicidade (A.S).

A reflexão da fala exposta anteriormente remete a compreensão do sintagma identidade-metamorfose-emancipação proposto por Ciampa (1987). Emancipar-se não significa ser agora intocado pelas relações externas e culturais, mas a mudança que ocorre na visualização de si mesmo e de si no mundo, bem como o aparecimento de identidades que ressignificam essas relações (ALMEIDA, 2017), nas palavras do entrevistado K.N, “*a partir do momento que eu tava mudando, me encontrando mais, me conhecendo mais, eu sentia mais necessidade de me tornar quem eu queria ser*”.

O outro: “*eu sei que toda vez que eu conhecer alguém eu vou ter que explicar tudo*”⁴

Foi percebido nas entrevistas que o indivíduo transgênero vivencia de forma singular os processos de relação social e cultural, haja vista que as modificações físicas e dialéticas estão nitidamente expostas após o processo de transição descrito anteriormente neste estudo. Sendo as interações sociais necessárias para o desenvolvimento da identidade e considerando que as pessoas trans rompem com o padrão sexo-gênero imposto inicialmente em suas vidas (CIAMPA, 2003; JESUS, 2012), encontra-se um novo desafio: promover a socialização desses sujeitos agora com uma identidade metamorfoseada, percebido na fala dos entrevistados dessa forma,

⁴ Fala de M.C sobre o processo de se relacionar com outras pessoas.

(...) um desafio comigo e com os outros é a questão de informação, porque a informação só existe se você for procurar por ela, tipo, eu só descobri isso porque eu tive a sorte de entrar no meio que tinha esse assunto correndo, tive a sorte de nascer na era da internet, com o youtube lá cheio de vídeo, tive a sorte de entrar em um curso de inglês que me abriu mais ainda o contato com esse assunto (...) assim, mas foi muito questão de sorte, eu sei que tem muita gente que tá em um lugar completamente diferente do meu. Assim, isso influencia porque eu sei que toda vez que eu conhecer alguém eu vou ter que explicar tudo, dar um aula (...) quem tá de fora disso, muitas vezes não entende, não tem a informação (M.C).

(...) foi aceitando as outras pessoas que eu passei a me aceitar, também porque eu não tinha amizades assim, eu acho que amizade faz muita diferença (...) fazer amizade sempre foi difícil nesse estado que eu tô, era muito difícil porque não sabia que tipo de pessoa eu ia encontrar naquele espaço e como ela reagiria (A.S).

Os relatos demonstram que o sentimento de insegurança é presente na socialização dos indivíduos trans, gerando determinado desconforto, bem como um afastamento ou restrição no número de pessoas com quem se relacionam. Durante as entrevistas, palavras como medo e ansiedade aparecem constantemente relacionadas a dificuldade de se estar em um meio social incompreensivo no que concerne a modificação das identidades e ao respeito pelo que se (re) apresenta diferente. Sobre os olhares externos, inicialmente encarados pelo entrevistado K.N como desafio, ele discorre que *“hoje em dia, como a voz mudou, o corpo tá mudando (...) eu já passo mais despercebido, mas antigamente as pessoas ficavam encarando, olhando torto e tal. Meus amigos diziam “é impossível andar contigo, porque tu chama muita atenção”*. O fato de mostrar-se em trânsito de identidade, possibilitou o estranhamento das pessoas ao seu redor, fato este que Jesus (2010) considera como um tipo de violência, a qual a autora comenta que ainda que em menor proporção, pode ser dispensada. O entrevistado K.N completa

(...) meio que uma coisa que eu sempre quis, uma coisa que eu colocava pra mim era como eu queria ser invisível, passar despercebido como qualquer outro porque eu andava no shopping e as pessoas ficavam olhando, olhando, olhando, acabava sendo meio constrangedor, ai hoje em dia eu passo assim e ninguém me olha e eu penso assim: que maravilha!

Segundo Jesus (2010 p. 8), as pessoas trans batalham cotidianamente pela dignidade de serem quem são, vivenciando dia a dia a singularidade de corajosamente se dedicarem a alcançar o ideal identitário que os satisfaçam e cita pelo menos sete atitudes que poderiam facilitar a inclusão dessas pessoas e iniciar, no comportamento social, uma modificação; entre essas atitudes está o “direito ao uso do nome social e do tratamento pelo gênero identificado mesmo quando não há

mudança do registro civil; (...) direito à aparência e ao uso de vestimentas adequadas ao seu gênero nos diferentes ambientes”. Através destas, seria possível repensar o espaço ocupado pela pessoa transgênero na vida social.

Resgatando esse processo de marginalização sofrido pelos sujeitos trans na tentativa da socialização apresentado anteriormente, percebeu-se, durante as entrevistas, a necessidade e a importância da coletividade e representatividade por outros sujeitos trans.

(...) eu comecei a ter contato com a identidade trans, com 14, 15 anos, acho que como a maioria dos homens trans, tinha a referência do Tarso Brandt, foi assim que ele explodiu no Pânico e era uma coisa que eu acompanhava, e aí eu me identificava com aquela pessoa (J.P)

(...) eu conheci mais trans, pra mim, eu só conhecia uns dois trans no máximo (...) aí depois que eu tive contato com eles, eu descobri como tem bastante trans por aqui (...) quando eu tive contato com eles, eles deram segmento de “ah, tem o endócrino lá que já é conhecido, já é habituado com o processo”, “ó, tem o psicólogo tal”, então foi me dando um norte pra tá aqui. (K.N)

Pode-se perceber que o contato com experiências semelhantes abriu a possibilidade de se identificar nas próprias vivências. A busca pela socialização com outros trans é trazida nas entrevistas como meio de conhecimento, compartilhamento e apoio desde as questões pessoais até as sociais e burocráticas como a transição e o nome social.

Segundo os relatos, a importância da representatividade é demonstrada na luta pela visibilidade e pelos direitos das pessoas trans, como na fala do entrevistado M.C, “*tem gente que pergunta “ah mais, porque ser tão agressivo?” mas assim, não tem como ir pra frente sem essas pessoas agressivas, porque se depender dos quietinhos, não vai pra frente*” que se remete ao ativismo como necessário em nome de todas as pessoas trans; podendo ser visualizado ainda na fala de J.P sobre a representatividade de sua identidade nas mídias,

(...) a novela que teve do Ivan, acho que o único contato que eles tiveram [os pais] com isso, foi por causa da novela e tipo pra mim foi muito massa, porque foi um período perto e eu acho que se não fosse essa apresentação dessa novela, eles nem saberiam o que era e aí ficaria mais difícil.

Considerando a fragilidade dos laços sociais dos sujeitos trans, observa-se na coletividade e socialização um tipo de rede de apoio voltada para o compartilhamento de informações, afetos e vivências. Segundo Cardoso e Ferro

(2012) invisibilidade das pessoas trans diante de direitos sociais, respeito e dignidade, além de dificultar o processo de metamorfose da identidade, se torna um fator de risco para a saúde integral destes, tornando-se uma parcela vulnerável da população com demandas e especificidades que necessitam de atenção e cuidado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exposto durante esse estudo revela que a identidade trans é marcada pela ruptura de sua própria identidade, antes idealizada e estruturada por outros e agora em processo de reconstituição, revelando desafios, confrontos e rupturas que marcam essa caminhada, mas também a satisfação e o prazer de se reconhecer. A partir do autorreconhecimento, pode-se perceber nas falas dos entrevistados que a concepção enquanto transgênero é um processo gradativo de não-pertencimento àquele corpo visto como alheio, mas também como possibilidade de reconstrução.

A metamorfose apresentada pelas pessoas trans demonstra o que Ciampa descreveu como a constituição de novos papéis de atuação na própria história de cada ser, interpretando vários papéis interpenetrados em si e em outros no contexto das relações sociais, atuação essa que representa a resistência frente ao que é socialmente cobrado no que concerne a identidade de gênero e aos padrões de comportamentos esperados para cada um, em outras palavras o contexto das relações estabelecidas no social são ao mesmo tempo, responsáveis pela semelhança que o indivíduo reconhece no grupo em que está inserido e pela própria percepção da unicidade deste frente a referência do outro, ou seja, tem-se indivíduos plurais e únicos concomitantemente. Este processo apresenta-se contínuo, considerando a significância do termo metamorfose.

É possível visualizar, a partir das entrevistas, a busca pela emancipação ao se compreender criticamente as influências sociais pautadas na dualidade gênero-sexo, rompendo com a cristalização e naturalização das identidades socialmente instituídas, o que corrobora com o objetivo inicial dessa pesquisa que visava averiguar as implicações sociais na constituição da identidade transgênero através do diálogo entre as teorias da identidade de gênero e da identidade como perspectiva social pautada no sintagma identidade-metamorfose-emancipação de Ciampa, mas que se caracteriza apenas como um degrau na construção do conhecimento sobre as identidades invisibilizadas e constantemente estigmatizadas

diante da cultura social. Faz-se necessário explorar os aspectos que constituem a formação e representação das identidades de gênero, especificamente no âmbito da psicologia social crítica, principal vertente utilizada neste estudo, mas que ainda apresenta determinado déficit no que diz respeito a dialogar corpo-gênero e identidade, possibilitando e apresentando novas identidades possíveis que existem e resistem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. A. M. Identidade e Emancipação. **Psicol. Soc.** Belo Horizonte , v. 29, e170998, 2017 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100403&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 de novembro de 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.
- BENTO, B. **O que é Transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. Coleção Primeiros Passos.
- BENTO, B.; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 569-581, maio 2012. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200017>>. Acesso em: 18 de novembro de 2018.
- CARDOSO, M. R.; FERRO, Luís Felipe. Saúde e População LGBT: Demandas e Especificidades em Questão. **Psicologia: ciência e profissão**, 2012, 32 (3), 552-563. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000300003&lng=en&nrm=iso> Acesso em 06 de Setembro de 2018.
- CIAMPA, A. C. A identidade social como metamorfose humana em busca de emancipação: articulando pensamento histórico e pensamento utópico. In: XXIX Congresso Interamericano de Psicologia, Lima, Peru. **Anais do XXIX Congresso Interamericano de Psicologia**. 2003.
- CIAMPA, A. C. **A estória de Severino e a história de Severina**. São Paulo: Brasiliense. 1987.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- JACQUES, M.G.C. et al. **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. Editora Vozes Limitada, 2014.
- JESUS, J. G. Pessoas transexuais como reconstrutoras de suas identidades: reflexões sobre o desafio do direito ao gênero. **Anais do Simpósio Gênero e Psicologia Social: diálogos interdisciplinares**, p. 80-89, 2010. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/233869298_Pessoas_transexuais_como_

reconstrutoras_de_suas_identidades_reflexoes_sobre_o_desafio_do_direito_ao_gen
ero> Acesso em 25 de Novembro de 2018.

JESUS, J. G. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. **Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**. Brasília, 2012. Disponível em: http://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta__es_popula__o_trans. Acesso em 09 de Agosto de 2018.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 5ª.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LIMA, A. F.; CIAMPA, A. C. Metamorfose humana em busca de emancipação: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. In A. F. Lima (Org.), **Psicologia Social Crítica: paraxes do contemporâneo**. 1ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2012, pp. 11-30.

LIMA, A. F. História oral e narrativas de história de vida: a vida dos outros como material de pesquisa. In: LIMA, A. F.; LARA, N. (Orgs.), **Metodologias de pesquisa em Psicologia Social Crítica**, 1ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2014, pp. 13-34.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro. 1997

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S.V. (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 5 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MARANHÃO FILHO. E. M. A. “Inclusão” de travestis e transexuais através do nome social e mudança de prenome: diálogos iniciais com Karen Schwach e outras fontes. **Oralidades**, ano 6, n. 11, jan./jul. 2012. Disponível em <<http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/Oralidades%2011.pdf>> Acesso em 09 de Novembro de 2018.

MARCONI, M. A. **Metodologia científica**: para o curso de direito. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MIRANDA, S. F. Identidade sob a perspectiva da psicologia social crítica: revisitando os caminhos da edificação de uma teoria. **Revista de Psicologia**, v. 5, n. 2, 2014. Disponível em <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/1481>> Acesso em 15 de Novembro de 2018.

MISKOLCI. R. Corpo, identidade e política. In: XII Congresso Brasileiro de Sociologia, Belo Horizonte - MG, 2005. **Anais do XII Congresso Brasileiro de Sociologia**. Disponível em <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=69&Itemid=171> Acesso em 20 de novembro de 2018.

MISKOLCI, R. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 681-693, Dez. 2006. Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 de Novembro de 2018.

SCOTT, J. W. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. 2.ed. Recife: SOS Corpo,1995.

WAIMER, M. et al. Do gênero à identidade: uma revisão teórica em debate sobre pessoas transgênero. **Revista EM FOCO - Fundação Esperança/IESPES**, [S.l.], v. 1, n. 23, p. 30-41, dez. 2015. ISSN 2319-037x. Disponível em: <<http://iespes.edu.br/revistaemfoco/index.php/Foco/article/view/43>>. Acesso em: 12 Julho de 2018.